

DELINEAMENTOS INTERCULTURAIS NO ENSINO MÉDIO DA BAHIA ENTRE ESTUDANTES ESTRANGEIROS E BRASILEIROS

Ana Regina Teixeira – UFBA – Brasil – aregina07@gmail.com
Augusto Cesar Rios Leiro – UFBA – Brasil - cesarrleiro@gmail.com

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país de dimensão continental. Com um mesmo idioma oficial e diferentes etnias, hábitos e aspirações, o país acolhe historicamente famílias, trabalhadores, empresários e juventudes estrangeiras em seus 26 estados e no Distrito Federal.

O fluxo migratório decorre de diferentes circunstâncias históricas, que podem ser repulsivas, tais como perseguições, catástrofes ambientais e guerras, ou então atrativas, como os programas de trocas culturais e formacionais ou as oportunidades de emprego e renda. Dentre os destinos que estudantes de diferentes partes do mundo escolhem ao chegar ao Brasil, o presente estudo foi desenvolvido no Estado da Bahia.

Nesse cenário, temos notadamente nos últimos cinco anos, dois sujeitos que integram e interagem na dinâmica escolar. O primeiro emerge da difusão do intercâmbio como forma de trocar informações, culturas e conhecimentos. Dessa exemplificação deriva a palavra ‘intercambista’, isto é, a pessoa que faz intercâmbio e precisa “[...] se adaptar ao ambiente, enfrentar desafios e crescer, sobretudo na perspectiva de fortalecimento emocional [...]” (DALMOLIN *et al.*, 2013, p. 443).

O segundo é o migrante apátrida ou refugiado. Ambos buscam “[...] uma melhoria de vida, por correrem riscos de perseguição política, étnica e/ou religiosa [...], por terem perdido direitos de suas nações, ou qualquer outro fator que impulsione a imigração.” (GIROTO; PAULA, 2018, p. 2). São esses dois protagonistas citados, os mais frequentes no contexto escolar. No presente trabalho, Dentre outras referências, tomamos os estudos de Candau (2017) que traz interculturalidade pela lente das diferenças para constituir novas relações sociais; de Knight (2020), por trazer a compreensão da internacionalização na educação *at home* (em casa). Esta autora trata da internacionalização no ensino superior, entretanto, devido à existência de poucos referenciais na educação básica relacionados ao tema, optamos por adotá-la.

METODOLOGIA

A pesquisa é de natureza qualitativa e de tipo exploratório, pois busca esclarecer conceitos ainda pouco estudados e formular novas abordagens sobre o objeto em questão (GIL, 2008). Para tanto, os seguintes procedimentos metodológicos foram tomados como referência: levantamento documental, questionário e observações sistemáticas, em consonância com uma construção tripartite. De início, fizemos uma revisão de literatura sobre o tema, reconhecendo a interculturalidade, educação básica, ensino médio, juventudes e internacionalização da educação como categorias teóricas substantivas.

Depois, procedeu-se a um levantamento documental de teses acerca do tema em questão nos Programas de Pós-Graduação em Educação do Brasil, no Repositório da Capes¹ e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), com recorte temporal entre os anos de 2016 e 2021. Aqui, destacamos duas produções que trouxeram as juventudes, o ensino médio, a internacionalização e a interculturalidade em uma perspectiva emancipatória e de direitos humanos. Um segundo levantamento documental considerou o quantitativo de estudantes estrangeiros matriculados na rede baiana de ensino no primeiro trimestre de 2020, realizado antes do confinamento ocasionado pela pandemia de Covid-19.² Vejamos o quadro a seguir:

Quadro 1 – Matrículas de estudantes estrangeiros

<i>Municipal</i>	<i>Estadual</i>	<i>Federal</i>
453	294	10

Fonte: elaborado pelos autores com dados do Inep e da SEC-BA.

A predominância desse perfil estudantil é composta por venezuelanos, portugueses, argentinos, japoneses, espanhóis e colombianos, segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e a Secretaria do Estado da Educação da Bahia (SEC-BA), ambos órgãos oficiais que disponibilizam indicadores e resumos técnicos fundamentais para a presente investigação.

Dizemos que o foco desta pesquisa é o segmento do ensino médio, por ser a etapa da educação básica que recebe o maior número de intercambistas e migrantes cujo perfil se aproxima mais das juventudes. Chamamos de juventudes a população de “[...] jovens das classes médias ou de jovens operários, de jovens rurais ou urbanos, de jovens

¹ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, entidade brasileira.

² Covid-19, infecção respiratória aguda causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), de elevada transmissibilidade e de distribuição global. Maiores informações em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>. Acesso em: 20 set. 2022.

estudantes ou trabalhadores, de jovens solteiros ou casados [...]” (PAIS, 1990, p.149). Entendemos a juventude no plural – juventudes – e como uma trajetória de vida.

A terceira etapa encontra-se em curso e consiste na interlocução com os jovens, dada a partir da observação e da aplicação de um questionário para estudantes do ensino médio estrangeiros/brasileiros, com o qual se busca identificar as principais questões relativas à interculturalidade no cotidiano escolar. O questionário virtual, com questões abertas e fechadas, será formatado e editado, a fim de se adaptar ao envio por diferentes modos de comunicação *online* (NASCIMENTO JUNIOR, 2018).

Também será desenvolvida uma observação sistemática, por meio de técnicas de levantamento de informações, “[...] a qual pode ser usada como procedimento científico ao servir ao objetivo, planejamento e controles de validação da pesquisa” (GIL, 2008, p. 119). Dessa forma, comporemos os resultados da pesquisa com análises, evidências e desafios da investigação.

DAS DISCUSSÕES

Importa sublinhar que, no primeiro trimestre de 2020, segundo o Inep e a SEC-BA, havia mais de 500 estudantes estrangeiros matriculados regularmente em 123 escolas das redes públicas de ensino municipal, estadual e federal no país, sem contar com a rede privada de ensino e anos anteriores. Devido ao risco provocado pela Covid-19, os intercambistas presentes no ensino regular das escolas públicas e privadas foram expatriados. Entretanto, os estudantes migrantes que estavam em situação crítica no local de origem permaneceram na Bahia vivenciando o ensino remoto.

Além disso, lembramos que a invisibilização no cotidiano escolar ainda se faz presente, e esses jovens que contactam as marcas da territorialidade baiana, juntamente com os estudantes brasileiros, vivenciam a interculturalidade a partir do outro, que tem língua e cultura diferentes.

CONSIDERAÇÕES

Por fim, este estudo em curso visa compreender a internacionalização da educação na ambiência da educação básica pública a partir da lente da interculturalidade, com estudantes migrantes e intercambistas. Esta pesquisa é um ato de esperar ativo, pois visa à institucionalização das estratégias e à inovação curricular, assim como remete ao desenvolvimento juvenil perante a diversidade linguística e cultural e ao

compartilhamento de conhecimentos em redes transfronteiriças. É um ato de coragem e ousadia, que vai ao encontro do outro por meio de maneira engajada de conceber a educação na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Repositório de trabalhos acadêmicos. Banco de dados. Brasília, 2022. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/>. Acesso: 2 set. 2022.
- BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Catálogo de Teses. Banco de dados. Brasília, 2022. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso: 2 set. 2022.
- CANDAU, V. M. Educación intercultural crítica: construyendo caminos. *In*: WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir e (re)vivir**. Quíto: Editorial Abya-Yala, 2017. Cap. 3.145-161. (Serie Pensamiento Decolonial). Disponível em: <https://ayalaboratorio.com/2018/03/31/catherinewalsh-pedagogias-decoloniales-praticas-insurgentes-de-resistir-reexistir-e-reviver/>. Acesso em: 10 set. 2022.
- DALMOLIN, I. S. *et al.* Intercâmbio acadêmico cultural internacional: uma experiência de crescimento pessoal e científico. **Rev Bras Enferm**, Brasília, v. 66 , n. 3, p. 442-447, maio/jun. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672013000300021>. Acesso: 2 out. 2022.
- FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GIROTO, G.; PAULA, E. M. A. T. de **Refugiados e imigrantes haitianos, presentes!** Desafios e escolarização desses estrangeiros no Brasil. *In*: SEMANA DE PEDAGOGIA-UEM, 23; ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 11; SEMINÁRIO DE INTEGRAÇÃO GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO, 2. 2018, Maringá. **Anais [...]**. Maringá: UEM, 2018. Não paginado. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/semanadepedagogia/2018/T04/04.07.pdf>. Acesso: 3 out. 2022.
- NASCIMENTO JUNIOR, A. F. **Formação de professor não licenciado: Desafio da Educação Profissional**. Dissertação (Mestrado). Orientado por: Prof. Dr. Augusto Cesar Rios Leiro. Universidade do Estado da Bahia. DEC I.– PPGEDUC, 2018. Disponível em: <http://www.cdi.uneb.br/site/>. Acesso em: 26.out.2022.
- KNIGHT, J. **Internacionalização da educação superior: conceitos, tendências e desafios**. 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2020.
- PAIS, M. J. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise Social**, [S. l.], v. XXV, n. 105-106, p. 139-165, 1990. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>. Acesso: 3 mar. 2022.